

PARA DIVULGAÇÃO IMEDIATA

Serviço de Notícias de Medicina Ortomolecular, 6 de setembro de 2015

Pegando uma carona com o Dr. Albert Schweitzer

Uma reminiscência de Howard Straus

(OMNS, 6 de setembro de 2015) Eu tinha 16 anos no verão de 1959, um adolescente alto e desajeitado. Eu quase tinha alcançado minha altura final de 1,8 m, mas meus membros haviam crescido rapidamente, então eu era relativamente desajeitado, nem sempre certo de onde estavam os joelhos, cotovelos e pés. Meu avô, o famoso e altamente controverso médico Dr. Max Gerson, morreu naquele março, deixando sua viúva, Gretchen Gerson com suas filhas e suas famílias para apoio e amor.

Os Gersons e seus descendentes eram imigrantes judeus-alemães e, ao contrário da maioria de seus parentes, eles sobreviveram ao Holocausto nazista, à Segunda Guerra Mundial e à diáspora massiva que espalhou os judeus pelo mundo. Eles ficaram com sentimentos muito negativos em relação à Alemanha e à população que em grande parte havia apoiado Hitler e seus programas. O Dr. Gerson havia visitado a Alemanha apenas uma vez desde o vôo para a sobrevivência e não tinha nenhum desejo de voltar. Gretchen respeitou esse sentimento e não fez nenhum esforço para mudar de ideia. Ela tinha, no entanto, alguns parentes e amigos que permaneceram na Alemanha e não os viu desde antes de 1936, quase um quarto de século antes. Sem mais objeções de seu marido e preocupada com o envelhecimento, ela ansiava por vê-los mais uma vez antes que ela ou eles morressem.

Gretchen, no entanto, era uma mulher muito tímida. Ela foi o produto de uma educação vestfaliana que exigiu anos de contato próximo antes que os amigos pudessem usar o familiar "du" uns com os outros. Como ela poderia viajar em uma Alemanha tão radicalmente mudada, tão diferente física e socialmente do que ela conhecia? A solução para esse dilema foi acompanhá-la como acompanhante, bagageira e ajudante geral. Esse arranjo foi possível porque eu havia sido criado em sua mesa de jantar e tinha, talvez, conhecimento suficiente da língua alemã. Fiquei feliz por poder retribuir parte do apoio amoroso que ela e o Dr. Gerson me deram ao longo dos anos.

Uma das pessoas que ela realmente queria visitar eram dois pacientes curados do Dr. Gerson. O Prêmio Nobel Dr. Albert Schweitzer se tornou amigo de longa data do Dr. Gerson quando Gerson curou Helene (Sra. Schweitzer) de tuberculose pulmonar, décadas antes. Rhena Schweitzer, a filha do médico, também havia sido curada de uma doença de pele desconhecida, misteriosa e muito dolorosa pelo tratamento do Dr. Gerson. Gerson e Schweitzer mantiveram correspondência ao longo da vida e tinham profundo respeito e admiração pessoal um pelo outro. Schweitzer escreveu para Gretchen sobre a morte do Dr. Gerson que Gerson "foi um dos gênios médicos mais eminentes que já existiu entre nós". Gretchen o adicionou à sua lista de visitas e combinamos passar o dia com ele em sua casa em Gunsbach, Haut-Rhin, França.

Quando chegamos, Gretchen e o Dr. Schweitzer se cumprimentaram com grande prazer, tingidos com a tristeza do falecimento do Dr. Gerson, e conseguiram recuperar o atraso. Como um jovem de 16 anos que mal falava sua língua, fiz o meu melhor para ser discreto e simplesmente absorver o contato com o agora famoso ganhador do Prêmio Nobel (o Nobel de Schweitzer havia sido concedido sete anos antes, em 1952). Na casa, agora um museu, para se juntar a Schweitzer e alguns outros convidados para o almoço. Fomos apresentados a todos e nos sentamos a uma grande mesa para um almoço típico e simples de um fazendeiro alemão: batatas cozidas, chucrute e presunto fatiado.

Enquanto Schweitzer e seus convidados conversavam e comiam, tive algum tempo para descobrir mais sobre os outros convidados. Havia dois fazendeiros suíços, um deles chamado "Albert Schweitzer" em homenagem ao grande homem, que havia feito uma peregrinação para encontrar seu homônimo. A secretária de Schweitzer sentou-se ao lado dele, depois Gretchen e eu. Do outro lado da mesa estava uma senhora idosa que foi apresentada como "Wanda Landowska", o que não significava nada para mim na época. Nos anos seguintes, porém, conforme meus gostos musicais se alargaram, descobri que ela era uma musicista mundialmente famosa, a quem se atribui a republicação do cravo no século XX. Ela estava visitando seu amigo Schweitzer na qualidade de um dos maiores especialistas do mundo em Johann Sebastian Bach. Miss Landowska morreu mais tarde naquele verão em sua casa em Connecticut.

Depois do almoço, o Dr. Schweitzer teve que ir para a próxima cidade, Münster, para uma reunião. Como Gretchen e eu estávamos em um hotel em Münster, ele providenciou um carro para levar todos nós até lá. Enquanto estávamos do lado de fora de sua casa aguardando a chegada do veículo, Schweitzer começou uma conversa comigo, para minha surpresa. Aqui estava eu, um adolescente americano, e Schweitzer, um cidadão mundial com quatro doutorados, queria saber mais sobre *mim* ! Consegui mancar em alemão e responder às suas perguntas de forma adequada. Uma das coisas que ele queria saber era se eu seguiria meu avô na medicina. Receio tê-lo desapontado ao expressar minha preferência por matemática, física e tecnologia, mas ele não deu muita importância a isso.

Quando o carro chegou, todos entramos e acabei sentado ao lado do Dr. Schweitzer no banco traseiro. Ao nos afastarmos, a cerca de quatrocentos metros da cidade, chegamos a uma trilha de terra que cruzava os campos e a pequena estrada em que estávamos. No cruzamento, uma placa foi erguida, mostrando o nome da pista de terra: "Rue Dr. Albert Schweitzer." (Rue: "rua" ou "estrada" em francês.) Eu não podia acreditar que Gunsbach tivesse escolhido o nome de uma pista de terra insignificante com o nome de seu cidadão mais famoso, realizado e homenageado globalmente. Mas eu senti Schweitzer puxar minha manga. Ele apontou brilhantemente para a placa e disse: "Veja! Eles deram o meu nome a uma rua!" Esse gigante intelectual e moral ficou humildemente surpreso por ter sido tão homenageado por seus concidadãos.

Notas: Dr. Schweitzer estava morrendo de diabetes tipo 2 em 1950, incapaz de trabalhar ou funcionar. O Dr. Gerson esclareceu isso rapidamente. Schweitzer voltou para a selva e voltou a trabalhar. Ele morreu em 1965, aos 90 anos. Suas biografias mencionam que ele era vegetariano. Não há menção do fato de que ele não estava até que Gerson o fizesse mudar sua dieta. A filha do Dr. Schweitzer, Rhena Schweitzer Miller, disse-me que adorava porco

assado. A Rue Dr. Albert Schweitzer agora está pavimentada, uma rua de mão única com residências e empresas em ambos os lados, serpenteando por Gunsbach.

(Howard Straus é o autor de Dr. Max Gerson: Healing the Hopeless. [Role para baixo em <http://orthomolecular.org/library/jom/2002/pdf/2002-v17n02-p120.pdf> para ler uma resenha deste livro .] Os programas regulares de rádio sobre saúde natural da Straus estão arquivados em <http://www.voiceamerica.com/show/1951/the-power-of-natural-healing> .)

Filmes documentários sobre o trabalho de Max Gerson, MD:

"The Gerson

Miracle" <https://www.youtube.com/watch?v=Rj8JoJXP9dl> ou <http://topdocumentaryfilms.com/gerson-miracle/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=y6l84pQ1Pzk>

"Dying to Have Known" <https://www.youtube.com/watch?v=a-JMt9ASvJ4> ou <https://www.youtube.com/watch?v=xVeyHsC4P20>

"The Beautiful

Truth" <https://www.youtube.com/watch?v=elGywOBYpeo> ou https://www.youtube.com/watch?v=dmOPN_yP06k

Palestra detalhada da Terapia Gerson pela filha do Dr. Gerson, Charlotte: <https://www.youtube.com/watch?v=quuvi6Gvvmc>

Transcrição de um discurso do Dr. Gerson:

<http://www.doctoryourself.com/gersonspeech.html>

Artigos e documentos sobre a terapia

Gerson: <http://www.doctoryourself.com/mgerson.html>

Medicina nutricional é medicina ortomolecular

A medicina ortomolecular usa terapia nutricional segura e eficaz para combater doenças. Para mais informações: <http://www.orthomolecular.org>